

Duplo sofrimento para ambulantes

Os vendedores de lanches, picolés e refrigerantes ficaram ontem duplamente frustrados: primeiro, porque em função da verdadeira praça de guerra montada para a passagem do cortejo fúnebre do presidente Tancredo Neves, quase não puderam ver ou manifestar seu sentimento de pesar. Em segundo lugar, porque, diferentemente da segunda-feira, quando o que havia para vender foi pouco ante o movimento de pessoas, as vendas foram reduzidas.

Para Terezinha Galdino da Silva, moradora da invasão do Ceub e vendedora de cachorro-quente, "hoje (ontem) o dia está muito triste, porque a gente está vendo ele ir embora e a gente sabe que ia ser um presidente muito importante". Lágrimas nos olhos, Terezinha reage mansamente ante a perspectiva de negócio fraco: "Eu vim mesmo foi prá ver o enterro", justifica-se.

Severino Souza Figueiredo, vendedor de caldo de cana, lamentava "o fato triste, mas da vida" que lhe servia para atrair fregueses. "Nesta segunda-feira a gente não dava conta de atender o povão", disse ele, lamentando que o mesmo número de populares não tivesse ocorrido ao cortejo, ontem, mas ao mesmo tempo justificando a população em vista da volta ao trabalho.

Já os vendedores de frutas José Agripino França e Tomás de Aquino Souza atribuíam o fraco faturamento de ontem à frieza da cidade. "Essa cidade é assim mesmo, o povo aqui não liga muito para as coisas", afirmavam, entendendo que se fosse "em São Paulo, fosse que dia fosse o povo ia estar lá em peso".